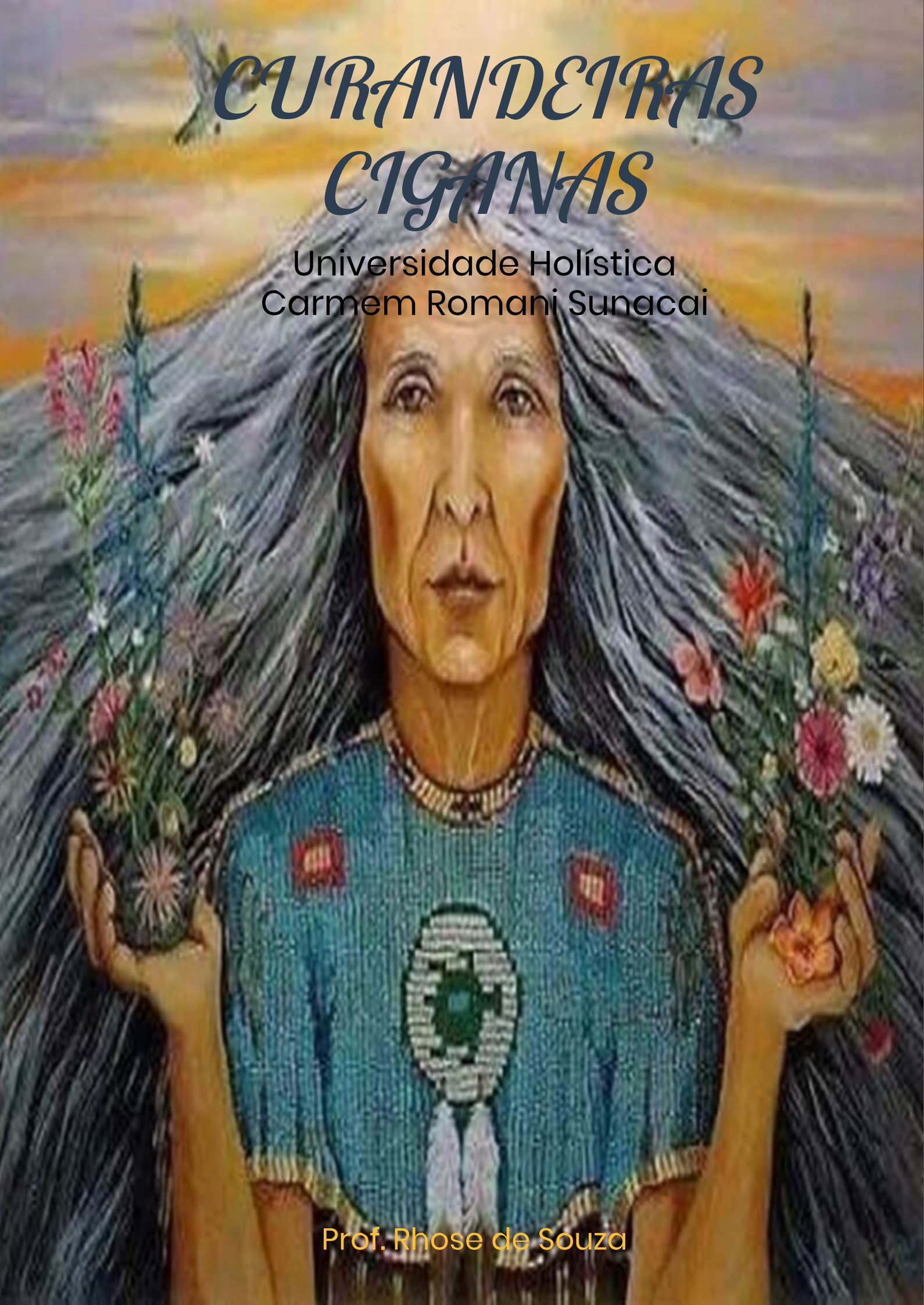
CURANDEIRAS CIGANAS

Universidade Holística
Carmem Romani Sunacai



Prof. Rhose de Souza

Ancestralidade,Sabedoria e Vivências.

Universidade Holística

Carmem Romani Sunacai

Facilitadora: Rhose de Souza

Shuvanni- Escritora & Oraculista

http://carmemromanionline.com.

email.carmemromani@gmail.com

Realização:

Universidade Holística

Carmem Romani Sunacai

Facebook: Carmem Romani

Direção: Prof. Rhose de Souza

Como poderia o homem primitivo duvidar de que as plantas eram mágicas? Todo outono, nos climas temperados, seres humanos pré-históricos viam as florestas morrerem: as árvores soltavam as folhas; o mato e as flores secavam; só umas poucas sempre-vivas mantinham uma semelhança em relação à vitalidade do verão, mas, chegada a primavera, novos brotos rebentavam da terra. Certamente qualquer ser que ressuscita todo ano deve ter uma grande magia. Nossos ancestrais distantes não precisavam ser botânicos formados para observar e apreciar a admirável energia e a diversidade do mundo das plantas, sua beleza e com um pouco mais de observação, virão os animais se alimentando de certas plantas e outras não,e partir desta observação passaram a usar estas plantas e foram constatando os seus principios ativos e os resultados positivos da sua ingestão.
Quanto a mais popular de todas a terra da raposa, somente se descobriu o seu principio ativo, após observar que quando a raposa se machucava, ela procurava um certo tipo de terra e se esfregava nela, deixando uma camada grossa desta terra na sua pele, passado alguns dias logo se observava que esta raposa esta plena novamente e sarada, e por isso para os Ciganos, até os dias de hoje, argila é a terra da raposa, e estes e muito mais iremos aprender com as mais velhas, as sabias, as Curandeiras Ciganas

Tópicos

- Introdução do que são “Ervas”
- Como nasceu a Utilização Litúrgica e na Farmacopéia
- Flores, Raízes e Cores.
- Valor Espiritual
- Linhas de Utilização
- As Ervas na Cultura Cigana
- A Herbologia na Antiguidade
- Medicina da Natureza
- Chás e Ungüentos
- Bruxas e a Floresta
- Plantas Caseiras
- Ensinamentos indispensáveis
- Ervas do Campo Santo
- Poder na Feitiçaria
- Ervas Oraculares
- Ervas Solares e Lunares
- Ervas com outros Materiais (especiarias)
- Importância das Águas
- Uso de Cristais e Pedras
- Essências e Perfumes
- Cultura sobre os Espíritos da Floresta
- A Força e o Poder das Ervas
- Banhos
- Magias
- Conhecendo as Ervas e Funções
- Limpeza Espiritual
- Rezas e Conjuros
- Temperos Solares e Lunares

- Plantas que Curam
- Magias
- Conhecendo as Ervas e Funções
- Limpeza Espiritual
- Rezas e Conjuros
- Ervas Sagradas
- Benzimentos
- Manipulação Ritualística
- Defumações
- Final

Introdução do que são “Ervas”

Ervas são folhas de várias plantas, e leva-se em conta seu sabor, aroma e qualidades medicinais e por isso são utilizadas na culinária, na medicina e com propósitos espirituais.

Especiarias são diversos produtos de origem vegetal como, sementes, brotos, frutas, flores, cascas e raízes de plantas. Além do uso na culinária, as especiarias eram utilizadas na preparação de óleos, cosméticos, incensos e medicamentos. Devido à presença de óleos essenciais as especiarias possuem aroma e sabor mais acentuados. As principais especiarias são pimenta do reino, canela, noz-moscada, cravo da índia, anis estrelado, baunilha, cardamomo, gengibre, coentro, piri piri (pimenta malagueta), mostarda em grão, açafrão, pimenta da Jamaica.

Em alguns casos, a mesma planta pode produzir tanto especiaria como erva. Outros condimentos são elaborados com misturas de especiarias (como o chili) ou de ervas (como o bouquet garni).

As ervas são encontradas na natureza em grande variedade. Com vasta possibilidade de utilização, elas são muito úteis na culinária, no uso medicinal e também em outros campos.

Características principais e aplicações

Suas folhas verdes são freqüentemente utilizadas na culinária, mas suas raízes, flores, sementes, caules e algumas outras partes, são de bastante utilizadas pela medicina complementar por suas características medicinais.

De forma geral, podemos entender que as ervas possuem diferentes tipos de aplicações. Estas diferenças podem ser observadas entre as ervas medicinais e aquelas específicas à culinária (também conhecidas como ervas aromáticas).

No caso das ervas medicinais, estas podem ser utilizadas de forma mais abrangente, podendo ser aproveitadas muitas de suas partes.

O contrário ocorre com as ervas de uso específico da culinária, onde o mais comum é a utilização de suas folhas.

Desde os mais remotos tempos as pessoas usam ervas para preparar alimentos. Ervas eram vistos como alimentos, elas modificaram o sabor da comida (a variação de comida era limitada) ou foram utilizadas por causa do seu valor medicinal e para seguir tradições religiosas. Ervas são muito importantes nas grandes religiões. A Bíblia, o Talmud e o Corão mencionam e indicam ervas para uso pessoal e cerimonial.

A história das ervas e temperos é ligada á historia de meios de transporte e imigração de povos. Conforme o câmbio entre os povos crescia, o uso das ervas se difundia também. Afinal, um dos motivos pela descoberta das Américas era a procura pelos condimentos Canela e Pimenta, muito valorizados durante séculos !

O que são Ervas

Ervas são plantas que se destacam pelos ingredientes ativos. Geralmente diferenciamos entre ervas aromáticas e ervas medicinais, mas em muitos casos esta definição é difusa. Muitas ervas medicinais tem uso na cozinha pelos ativos óleos essenciais que são digestivos e dão sabor ao alimento.

Também se faz distinção entre ervas secas ou desidratadas e ervas frescas. Durante o processo da secagem uma parte dos óleos essenciais evapora, diminuindo assim o aroma das ervas. Os óleos essenciais, por sua vez, são misturas complexas de compostos vegetais exaladas por certas plantas aromáticas. São produzidos nos diferentes órgãos vegetais, estando contidos em estruturas especiais ou em aparelhos secretores.

Podem ser encontrados em raízes (por exemplo, raiz forte), folhas (manjericão), flores (camomila), casca de árvores (canela) e cascas de frutas (laranja). As ervas são caracterizadas por seu conteúdo de ativos. Esses ativos são óleos essenciais, alcalóides, minerais, vitaminas e glicose, entre outros. Eles são os responsáveis pelo gosto, aroma ou ação terapêutica das ervas.

Como Usar

As ervas aromáticas têm grande importância na culinária. Ramos inteiros ou partes picadas podem ser usadas para temperar os mais variados alimentos. Para melhor aproveitá-las, as ervas frescas devem ser adicionadas somente no final do cozimento; caso contrário, acabam perdendo os óleos essenciais. Também é comum utilizá-las como enfeite no prato ou até mesmo no drinque.

Usadas sozinhas ou combinadas entre si, as ervas dão o último toque aos pratos. Embora existam muitas recomendações sobre qual erva combina melhor com um determinado alimento, elas não precisam ser necessariamente seguidas.

Cada pessoa é livre para fazer suas próprias experiências e descobrir como encontrar os sabores que mais lhe agradam - em outras palavras, para criar ou dar seu toque pessoal aos pratos.

Em primeiro lugar, o que são ervas aromáticas e especiarias? As especiarias derivam das raízes, casca, botões e frutos das plantas. As ervas aromáticas são normalmente retiradas das folhas de uma variedade de plantas. Ambas retêm a sua potência durante longos períodos de tempo se forem armazenadas convenientemente.

A fitoterapia pode ser vista como a precursora da farmacologia moderna – aliás, muitos medicamentos modernos são derivados das plantas. Como tal, incluir sabores herbários na sua dieta diária pode fazer uma grande diferença na sua saúde alimentar. As ervas aromáticas e especiarias podem ajudar a digestão, infecções respiratórias, reumático e podem ajudar a melhorar o apetite, o trato urinário, insônias, bem como os sintomas de constipação ou gripe.

No entanto, como as ervas aromáticas e especiarias são consumidas em quantidades pequenas em relação a outros alimentos, é um pouco injusto comparar o seu conteúdo nutritivo numa base por refeição. Por exemplo, mesmo que muitas ervas tenham um alto teor de vitamina C, não se chega nada perto das necessidades diárias com um ramo de salsa numa tigela de sopa. A não ser que se coma uma taça de tabouleh (uma salada popular no Médio Oriente contendo muitos vegetais, azeite e especiarias) todos os dias, uma laranja é uma fonte mais simples de vitamina C.

Em reconhecimento dos enormes benefícios das ervas e especiarias, os especialistas sugerem alterações nos manuais de educação nutricional, para que recebam atenção específica, como nos tempos passados.

Propõem um novo tipo de pirâmide alimentar, com as ervas na maior parte da camada inferior de outros alimentos altamente protetores, para serem comidos em variedade e quantidade.

Como nasceu a Utilização Litúrgica e na Farmacopéia

O uso de plantas como medicamento é provavelmente tão antigo quanto o aparecimento do próprio homem. A preocupação com a cura de doenças sempre se fez presente ao longo da história da humanidade.

Bem antes do surgimento da escrita, o homem já utilizava ervas para fins alimentares e medicinais. Buscando as espécies vegetais mais apropriadas para sua alimentação ou para cura de seus males, nossos ancestrais foram descobrindo as que serviam para se alimentar, se medicar, as que eram venenosas e as que causavam efeitos alucinógenos.

Um tratado médico datado de 3.700 a C., escrito pelo imperador chinês Shen Wung, é um dos mais antigos documentos conhecidos sobre as propriedades medicinais das plantas. Os egípcios, 1.500 a. C. já utilizavam ervas aromáticas na medicina, na culinária e, principalmente, em suas técnicas para embalsamar os mortos. Os sumérios da Mesopotâmia possuíam receitas valiosas, que só eram conhecidas por sábios e feiticeiros. Na Índia, aproximadamente no ano 1.000 a. C., o uso de ervas era bastante difundido.

Durante a Idade Média, o cultivo das ervas utilizadas como alimentos, bebidas e remédios, ficou a cargo dos monges, que as plantavam ao redor dos mosteiros e igrejas.

Na Europa, principalmente na Inglaterra, a medicina alternativa tem cada vez mais adeptos e nos Estados Unidos há uma grande quantidade de farmácias naturais.

No Brasil, o conhecimento das propriedades de plantas medicinais é uma das maiores riquezas da cultura indígena, uma sabedoria tradicional que passa de geração em geração. O índio tem um conhecimento profundo da flora medicinal, retirando dela os mais diversos remédios, usados de diferentes formas. Suas práticas curativas e preventivas estão relacionadas com o modo como ele percebe a doença e suas causas, sendo realizadas pelo pajé em rituais cheios de elementos mágicos e místicos.

Existe uma grande quantidade de espécies em todo o mundo e a Amazônia abriga 50% da biodiversidade do Planeta. De acordo com dados de instituições de pesquisas da região, cerca de cinco mil, dentre as 25 mil espécies amazônicas, já foram catalogadas e suas propriedades terapêuticas estudadas.

As plantas medicinais podem ser adquiridas em mercados públicos, lojas de ervas, podem ser colhidas no campo ou cultivadas em jardins, hortas, e até em vasos.

Mais de 25% de todos os medicamentos são de origem vegetal. As plantas medicinais sempre foram objeto de estudo, buscando-se novas fontes para obtenção de princípios ativos, responsáveis por sua ação farmacológica ou terapêutica.

Do ponto de vista científico, no entanto, ainda é um campo pouco estudado e difundido no País, apesar da riqueza da flora brasileira, ficando os estudos na área mais restritos à antropologia e ao folclore, através da medicina popular.

Apesar de muitas plantas serem úteis ao homem, existem aquelas que produzem substâncias tóxicas ou venenosas. É preciso conhecer bem as características de cada planta para poder usá-la como remédio.

É comum se ouvir dizer que o uso das plantas medicinais se não fizer bem, mal não fará, porém não é bem assim. Sua utilização inadequada poderá trazer efeitos indesejados. É necessário ter conhecimento da doença ou do sintoma apresentado e fazer a seleção correta da planta a ser utilizada, além de preparação adequada. A forma de uso, a freqüência e a quantidade são aspectos muito importantes para sua utilização. A dosagem deve observar a idade e o tipo de metabolismo de cada pessoa.

As plantas medicinais são utilizadas para os mais diferentes efeitos, entre os quais podem ser destacados: o anticatarral (inibe a formação de catarro); o antiespasmódico (evita ou alivia as contrações musculares dolorosas); antiflatulento (elimina os gases intestinais); anti-reumático (combate o reumatismo); antitussígeno: (inibe a tosse); diurético (auxilia a eliminação de líquidos pelos rins); emético (provoca vômito); expectorante (elimina a mucosidade do aparelho respiratório); hemostático (estanca hemorragias); laxante (solta os intestinos); obstipante (prende os intestinos).

Os primeiros registros sobre as ervas americanas foram feitos por um médico mexicano chamado Juan Badianus. Sua origem índia e seus conhecimentos da cultura indígena tornaram seus escritos muito procurados por estudiosos. Outro importante herborário americano foi o espanhol Manardes, que escreveu sobre as ervas do Novo Mundo.

Os primeiros imigrantes trouxeram para as Américas mudas e sementes de suas ervas preferidas, como o confrei, a aquiléia e a camomila, que logo floresceram juntas às ervas nativas. Nos Estados Unidos o interesse pelas ervas teve grande crescimento entre na época compreendida entre a Revolução Americana e a República. Thomas Jefferson plantava pessoalmente suas ervas prediletas, entre elas a menta, o tomilho, a lavanda, o alecrim e, sobretudo o masturtium, conhecida entre nós por chagas de cristo, por sua violenta coloração vermelha. Atualmente, as farmácias naturais se multiplicam e há um verdadeiro culto à natureza.

Mais de 25% de todos os medicamentos são de origem vegetal e o estudo das ervas e seu poder de cura estão cada vez mais importantes. Os Shackers, grupo religioso norte americano, baseava sua vida na simplicidade, na pesquisa e utilização das ervas medicinais. As ervas tiveram seu apogeu nos Estados Unidos e, com os Shackers, sua importância econômica durou mais de cem anos.

Historicamente, quando os portugueses aqui chegaram, encontraram índios que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos. Mesmo o grande naturalista Von Martius desprezava a medicina indígena. Para ele, os índios conheciam apenas algumas quantas plantas comestíveis e outras que serviam de tinturas. Das ervas medicinais teriam unicamente uma obscura noção, quase sempre supersticiosa.

Os primeiros a terem utilizado a medicina das ervas, para ele, teriam sido os bandeirantes, usando os conhecimentos adquiridos nas índias Orientais e, mais tarde, os escravos que se adentravam na floresta à procura de substitutivos para a sua culinária e medicina tradicional. Hoje sabemos que o naturalista estava totalmente equivocado, pois, os índios conheciam todas as ervas necessárias para a cura de suas doenças. Os europeus que chegaram ao Brasil adquiriram o conhecimento das ervas medicinais com os indígenas.

Muitos escritos sobre as ervas indígenas, relatados pelos jesuítas, estão perdidos em arquivos e bibliotecas, sendo consultados como curiosidades, do que como fontes de consultas para trabalhos científicos.

As riquezas medicinais encontradas na Amazônia são consideradas uma mina de ouro para o tratamento de diversas doenças. Ainda é desconhecido quais os tipos de plantas que possuem funções terapêuticas.

Estes são os chamados medicamentos fitoterápicos, ou seja, um tipo de medicina alternativa com a produção de remédios provenientes das plantas. Muitos desses medicamentos servem como base para os sintéticos, aqueles feitos em laboratório.

A origem do uso dessas ervas medicinais é antiga, desde a pré-história há relatos da estreita relação entre o homem e as plantas. Os registros mais concretos ocorreram na civilização Egípcia e Chinesa, onde foram encontrados papiros e livros referentes ao uso de plantas. Um papiro data de 1.600 a. C. e revela o estudo de plantas, animais e remédios inorgânicos e o seu uso. Já, na China estes estudos datam de antes da Dinastia Ming (1500 a. C.).

Plantas Medicinais no Brasil

No Brasil, especialmente na Floresta Amazônica, seus primeiros habitantes chegaram há cerca de 12 mil anos. Dos paleoíndios amazônicos originaram-se as principais tribos indígenas do país e a fitoterapia foi sendo incluída porque estes povos utilizavam plantas para a cura de doenças. Quando o Brasil começou a ser influenciado por outras culturas (com uma diversidade de plantas e ervas), a fitoterapia do país adquiriu características diferentes de outros países.

Contudo, somente com a chegada dos portugueses ao Brasil, estes conhecimentos indígenas vieram a tona. Com as análises feitas por Pero Vaz de Caminha, um grande escritor brasileiro e escrivão que fazia parte da esquadra de Pedro Álvares Cabral, passaram a ter interesse pelo uso medicinal das plantas. Entre 1500 e 1580, depois das observações feitas por Caminha, o padre José de Anchieta descreveu minuciosamente o uso das plantas medicinais e comestíveis do Brasil, destacando verduras e legumes e dando importância a muitos frutos que os índios brasileiros comiam.

A maioria das descobertas da flora brasileira, foram feitas por cientistas estrangeiros, onde empresas internacionais controlam atualmente cerca de 80% da produção de medicamentos no Brasil, dos quais possuem plantas nacionais com patentes estrangeiras.

As pesquisas brasileiras ainda não recebem muito incentivo governamental. Ainda com uma carência na saúde pública, com hospitais lotados, alguns em péssimas condições ou sem médicos. Uma área que movimenta cerca de R$ 1 bilhão de reais e gera empregos para muitas pessoas poderia ser melhorada para que esses fitoterápicos pudessem ser usados cada vez mais com qualidade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 80% da população utiliza a fitoterapia como tratamento e prevenção de doenças. Cerca de 25.000 espécies são usadas, além daquelas que são utilizadas por tribos indígenas e comunidades na Amazônica, a variabilidade de plantas é imensa. O conhecimento da fitoterapia acumulado no decorrer dos anos constitui uma fonte de recursos para alguns problemas da sociedade moderna brasileira e serão necessárias muitas pesquisas para atingir um modelo ideal na busca desses fitoterápicos.

Flores, Raízes e Cores.

Cada flor tem a sua linguagem e fala por si. Sabia que cada flor transmite uma determinada essência e conceito?

As flores são simbólicas, pois têm a capacidade de expressarem os nossos sentimentos e pensamentos, traduzindo por isso diversas mensagens. Não se engane na mensagem que quer transmitir, e conheça o significado das flores.

Desde os tempos mais remotos que as flores foram a linguagem das Divindades, bem como a linguagem humana do amor entre outros. Antigamente as flores eram as mensageiras dos que não podiam falar ou que queriam transmitir uma mensagem aos olhos de todos. Quem não conhece a imagem do imperador César com uma coroa de louro, clamando a glória?

Situa-se no ano de 1600, em Constantinopla, a origem da “linguagem das flores”, mas seria apenas em 1716 que Lady Maria wortley Montagu, traria da Turquia para a Inglaterra, a linguagem floral.

Conta-se que um inglês, em visita à Turquia no século XVIII, teria feito a seguinte afirmação: “aqui pode-se brigar, censurar, mandar cartas de paixão, amizade ou civilidade, ou mesmo notícias, sem nunca ter de sujar os dedos com tinta!”. O “código dos turcos”, ou uma linguagem sem palavras, era o uso de flores para expressar sentimentos.

O interesse pelas flores e por aquele costume seguiu para França, onde foi inventada uma linguagem composta por símbolos florais, concentrada numa obra intitulada “Le Langage des Fleurs” ou “A linguagem das flores”. Tal obra despertou o interesse dos poetas ingleses. Numa de suas obras Thomas Hood (1799-1845) dizia que as “doces flores sozinhas podem dizer o que a paixão tem medo de revelar”.

A linguagem das flores tornou-se mais complexa e consolidou-se no sec. XIX como a “Floriografia” entre os Vitorianos. As flores não só significam sentimentos diferentes, como passam a transmitir verdadeiras mensagens pela forma como eram oferecidas. Assim, quando se queria manifestar admiração pela beleza de uma senhora, oferecia-se uma rosa vermelha aberta. Se a sua destinatária a pusesse no cabelo, indicava ao seu enamorado que tivesse cautela, pois os seus sentimentos podiam não ser bem aceites. Se a rosa fosse levada ao coração, o amor era correspondido.

Jean Bogaudy, jornalista francês pesquisou nos velhos almanaques, e fez uma compilação dos significados de cada flor. No seu artigo ele explica que a linguagem das flores na se limita ao seu significado puro e simples, mas haveria que atender igualmente ao numero de flores enviadas, sua disposição, o modo de amarrá-las... O simbolismo das flores: provem das suas cores, formas, perfumes, combinações, numero, etc…

O simbolismo social das flores foi-se desenvolvendo paralelamente àquele:

*** quando se oferece uma flor virada para baixo: inverte-se o significado das flores oferecidas.

*** quando se oferece uma rosa sem espinhos: não há nada a temer da parte de que a oferece.

*** pode-se dizer que “sim” apenas com um roçar de lábios pelas pétalas da flor.

*** quando uma senhora recebia as flores com a mão direita: ela aceitava a mensagem nelas inerente. Se fosse com a mão esquerda era porque recusava.

*** Um bouquet de rosas vermelhas significava "agora somos um do outro".

Se a linguagem das flores se foi perdendo ao longo dos tempos, no entanto continua bem viva nos atos místico religiosos do quotidiano, mesmo que muitos já nem saibam bem o seu porquê.

Assim, como antigamente se faziam ofertas de flores aos Deuses, também hoje se oferecem flores aos santos ou se colocam flores nos altares. Muitas procissões são acompanhadas de oferendas de flores que se jogam no chão para a passagem da Virgem ou de outro santo.

As flores continuam portanto presentes na religião e nas mitologias: temos as rosas da Virgem; o lótus de Nefertoum (Egipto) ou de Brahma (hinduismo). E servem de símbolos: a flor-de-lis para a monarquia francesa, a rosa para François Mitterrand. Na Índia a flor nacional é o lotus, na Inglaterra é a rosa vermelha de Lencastre, etc...

“Une cour sans femmes ressemble à un printemps sans roses.” Citação de François Iº
Ou seja, “uma corte sem mulheres é como uma Primavera sem
rosas”

FLORES:

ACACIA: O seu significado depende da sua cor. A acácia amarela significa amor secreto, e a branca ou rosada representa constância e elegância.

Alfazema: A flor de alfazema (lavanda) representa a “calma”. É uma flor muito usada em perfumaria.

Amor-perfeito: Os franceses chamam-lhe "pensée", ou seja pensamentos. O seu significado é o de meditação, recordações, reflexão. É uma flor popular com o significado de "Amor Eterno".

Anémona: É uma flor pequena e triste, que significa abandono.

Anis: Apesar de mais conhecida pelos licores de anis, esta flor em bouquet significa "promessa", seja de casamento, seja de amor eterno.

Azaléia: A azaléia diz: “Cuide-se por mim” mas também representa a feminilidade para os chineses. O seu significado depende da sua cor. Azaléia branca: romance. Azaléia rosada: amor à natureza.

Begonia: São flores de grande beleza e representam a "Cordialidade que vem do coração".

Bonina: A flor da bonina representa o "Amor confiante" de quem a envia para a sua amada.

Brinco de Princesa: É uma flor com cores muito vivas e por isso significam "superioridade".

Campainha: Resistente, significa perseverança.

Camélia: A camélia branca significa virtude despretensiosa, beleza perfeita. A camélia rosada representa a grandeza da alma, e a vermelha o reconhecimento.

Cardo: Tem folhas amareladas e espinhos, e portanto significa "desprazer" ou “és intratável”.

Cravo: geralmente os cravos expressam amor, fascinação e distinção, por isso é a flor usada na lapela. Mas lembre-se que se for oferecido invertido, o seu simbolismo também se inverte.

Os seus significados consoante a sua cor: Cravo branco: o cravo branco quer dizer amor puro, ingenuidade e boa sorte. Cravo amarelo: desprezo, desdém. Cravo rosa: significa “nunca te esquecerei”. Cravo vermelho: amor incompreendido

Crisântemo: O seu significado também muda com a cor:

Vermelho: estar apaixonado. A mensagem desta flor é: “eu amo”.

Amarelo: amor frágil.

Branco: verdade, sinceridade.

Centáurea: Sensibilidade.

Coroa – imperial: Majestade e poder.

Cravo de defunto (tagetes): Significa tristeza e luto.

Dália: o seu significado varia de acordo com a sua cor:

Dália amarela: união recíproca

Dália rosada: delicadeza

Dália vermelha: olhos abrasadores

Dente de leão: Oráculo.

Dedaleira: Falsidade.

Flor de lis: Usada como símbolo dos reis franceses, significa mensagem.

Flores do Campo: Significam equilíbrio e ponderação.

Genciana: Injustiça.

Gerânio: o seu significado depende da cor.

Gerânio escuro: tristeza.

Gerânio rosa: preferência.
Gerânio vermelho: consolo.

Gladíolos: Flores que significam encontro.

Glicínia: Flor ornamental que significa ternura.

Girassol: O girassol representa a força positiva do sol transmitindo calor e força. Significa imponência, dignidade e glória. A sua cor representa felicidade, alegria e orgulho.

Hera: Fidelidade

Hortênsia: Tem flores azuis, brancas ou rosadas. Representa frieza e indiferença, capricho.

Íris: mensagem.

Jacinto: Seu significado geral: tristeza profunda. O jacinto azul demonstra constância.

Jasmim: o Jasmim possui um perfume envolvente, exótico e afrodisíaco. A noite acentua a sensualidade. É considerado o “rei das flores” devido ao seu odor. A sua cor representa inocência, pureza e paz.

Jasmim amarelo: significa amor, beleza delicada, elegância e graciosidade.

Jasmim branco: significa amabilidade.

Jasmim real: sensualidade.

Laranjeira: A flor da laranja é muito perfumada e significa virgindade e noivado. Antigamente, a tradição mandava que o bouquet da noiva tivesse flores de laranjeira…

Lavanda: Significa desconfiança.

Lilás: Uma flor que tem o significado de desejo intenso.

Lírio: A flor de lírio é um antigo símbolo de pureza e significa casamento, doçura, inocência, majestade.

Lírio do vale: Significa o regresso da felicidade.

Madressilva: Significa delicadeza.

Magnólia: Significa amor à natureza e simpatia.

Malva: É uma flor de origem inglesa. É o símbolo da fecundidade e também significa ambição feminina

Malmequer: Flor amarela que significa rompimento.

Margarida: A margarida é símbolo da inocência, pureza e virgindade. É a flor das crianças.

Miosótis: Florzinhas azuis que significam amor sincero, amor verdadeiro, fidelidade.

Narciso: É o símbolo tradicional da vaidade exagerada e do egoísmo.

Orquídea: Uma bela flor para uma bela dama. Representa a beleza feminina, a perfeição, a pureza espiritual. Mas também representa a sexualidade nos seus tons inequívocos.

Papoula: Significa extravagância, fertilidade. A papoula amarela é um símbolo de riqueza e sucesso.

Perpétua: Como o próprio nome da flor indica, representa "para sempre".

Petúnia: Significa esclarecer um mal entendido.

Prímula: Significa juventude.

ROSAS: a rosa é a “rainha das flores” e representa sempre o amor, nas suas variadas formas.

"PREFIRO TER ROSAS À MESA DO QUE DIAMANTES AO PESCOÇO"

Citação de Emma Goldman

SOBRE AS ROSAS:

Shakespeare escreveu sobre as rosas na sua obra «Romeu e Julieta», dizendo: aquilo que chamamos de Rosa, mesmo que lhe chamássemos qualquer outro nome, seria igualmente doce.

A analogia de Shakespeare refere-se claramente á rosa, mas a sua interpretação pode-se claramente estender ao ser feminino que é profundamente amada, ou mesmo ao próprio sentimento de amor.

Na mitologia greco-romana, Afrodite presenteou Eros com uma rosa, e a rosa simbolizou desde então o amor.

O nome «rosa», etimologicamente deriva do grego «rhodon». As rosas estão profundamente ligadas ao culto de Afrodite e Vênus. As pétalas de rosa branca, encontravam-se também associadas ao culto da Deusa Isis, sendo eram espalhadas pelo chão no decorrer de procissões e festividades dedicadas a essa divindade. A rosa encontra-se também profundamente ligada aos mistérios e ao que é oculto. Na tradição Romana, uma rosa era pendurada á porta de uma casa ou local onde estavam sendo debatidos assuntos confidenciais ou ocorrendo reuniões secretas que não deviam ser interrompidas por estranhos.

O termo «sob a rosa» era usado para designar um assunto que se encontrasse sob segredo. Tal como a rosa branca foi associada a Isis e o seu filho Horus, mais tarde, o Cristianismo veio associar as mesmas pétalas brancas da rosa á Virgem Maria. Diz-se que quando da grande aparição de Maria em Fátima – Portugal – choveram rosas do céu.

As rosas são provavelmente a mais antiga flor a ser cultivada, estiveram presentes no antigo Egito, nas culturas helênicas, na Roma Antiga, na Europa medieval. Monges nos mosteiros usaram a rosa para fins terapêuticos, e hoje em dia a rosa vermelha é um símbolo universal do amor.

Na Roma antiga, as rosas eram também usadas com fins espirituais, sendo que decoravam os túmulos, uma vez que se acreditava que tinham o poder de acalmar as almas dos mortos. Ainda hoje, diz-se que o aroma das rosas é sinal de santidade, ou que sentir o aroma de rosas sem que haja rosas por perto, é sinal da presença de um espírito de luz junto de nos.

ROSAS E SEUS SIGNFICADOS:

Rosa cor-de-rosa: significa "Admiração, Amizade, Carinho.

Rosa amarela: significa "Apoio, amizade, felicidade" Em tempos antigos, também transmitiam a idéia de ciúme, suspeita e mesmo infidelidade.

Rosa branca: significa "Pureza, Paz". São as rosas das noivas, são as rosas do casamento feliz, da união, da lealdade.

Rosa laranja: significa "Fascínio, Encanto".

Rosa champagne: significa "Admiração, Reverência".

Rosa vermelha: significa amor, paixão, desejo.

Rosas sem espinhos: “não há nada a temer”.

Uma única rosa: símbolo de simplicidade.

Duas rosas unidas: representam compromisso.

Uma rosa aberta no meio de dois botões pede sigilo.

Bouquet de 12 rosas: declaração de amor definitiva.

Bouquet de rosas brancas e vermelhas: representa união.

Bouquet de rosas amarelas e vermelhas: representa sentimentos de alegria ou congratulações.

O receptor da flor pode dizer que “sim”, com um simples roçar da flor pelos seus lábios.

DICAS SOBRE A OFERENDA DE ROSAS:

Rosas brancas, amarelas ou rosas, devem ser oferecidas e mulheres jovens, pois transmitem ideais de pureza.

Rosas vermelhas, são símbolo de paixão, e por isso podem oferecidas em qualquer momento, a qualquer faixa etária, se o sentimento assim o justificar.

Rosas laranja, cor-de-rosa e champagne devem ser oferendadas e senhoras de maior maturidade, por isso dignas de reverência.

ROSAS E MAGIA:

As rosas, consoante as suas cores e os seus significados ocultos, devem ser usadas como oferenda nos altares onde decorrem os rituais que são celebrados. Pétalas da rosa com a respectiva cor devem ser espalhadas pelo altar, assim como pelo chão do local onde forem celebrados trabalhos esotéricos. Rosas inteiras, devem também ser ofertadas juntamente com o «despacho» de um trabalho, sendo ofertadas na cor que esta de acordo com a finalidade do trabalho mágico em questão.

Sempre-viva: Significa declaração de guerra, eternidade, imortalidade, permanência.

Trevo de 4 folhas: Se falasse na nossa língua diria “sê meu/minha”.

Tulipa: A Tulipa representa a elegância e a sensibilidade.

Tulipa amarela: amor sem esperança.

Tulipa variegada: olhos bonitos.

Tulipa vermelha: declaração de amor.

Verônica: Flor com o nome da mulher que enxugou o rosto de Cristo no calvário, significa "martírio".

Violeta: A violeta azul tanto pode simbolizar lealdade quanto sinceridade. De coloração vistosa significa no entanto timidez e modéstia.

Há muito tempo, as coroas de flores são ligadas as cerimônias fúnebres, mas poucos sabem que essa idéia é absolutamente equivocada. O símbolo está muito mais ligado à vida do que a morte. Na história de povos milenares, podemos encontrar fatos de que os vencedores de batalhas e as altas sacerdotisas eram os únicos que podiam usar uma coroa de flores.

Como a flor sempre foi considerada símbolo da vida para muitas religiões e crenças, a coroa de flores era, por sua vez, considerada um símbolo da representação da vitória da vida sobre a morte, na certeza de que o espírito da pessoa vencerá o momento de transição e entrará na próxima vida com muito mais felicidade e harmonia (por isso a forma de círculo, que representa a eternidade), além de ser usada para expressar a saudade que iremos sentir daquele que está partindo. Daí a idéia de usá-la nos rituais fúnebres cristãos.

Para os primeiros cristãos, a coroa de flores simbolizava o próprio Deus ali presente. A forma geométrica representa o infinito em muitas culturas antigas. Por esse motivo que surgiu o pensamento da coroa de flores como representação, definindo Deus como “Aquele que está em toda parte” e é eterno (“Eu Sou o Alfa e o Ômega”).

Uma coroa de flores pode ser facilmente encontrada em momentos tristes como velórios e funerais ou em momentos de extrema felicidade como grandes eventos acadêmicos e outras celebrações por conquistas. A verdade é que, seja qual for o motivo, a coroa de flores sempre representou a vitória máxima de alguém sobre algo. É com esse espírito que devemos encarar esse lindo adorno, repleto de simbolismos e história.

Que flores utilizar na coroa?

Na verdade não existe tipo certo para se utilizar nas coroas de flores. As espécies mais variadas podem ser usadas para a confecção da coroa, dependendo para qual solenidade elas sejam destinadas, mudando-se apenas os tipos, cores e a forma dos arranjos de acordo com a ocasião.

Um florista habilidoso e experiente será capaz de fazer maravilhas e transformar a coroa de flores em uma peça de escultura natural sem igual. É a criatividade humana aliada à beleza da natureza para representar a vitória, a vida e a celebração do espírito humano em sua plenitude. Cada flor possui o seu próprio significado, cada pessoa possui um sentimento particular e a coroa de flores pode expressar emoções de acordo com as flores escolhidas no seu arranjo. As raízes são os órgãos das plantas que possuem a função de fixação do vegetal para que este permaneça no solo e também é responsável pela absorção e condução de água e sais minerais; também podem ter outras funções, como armazenamento de reservas nutritivas e aeração.

Tipos especiais de sistemas radiculares

Raízes tuberosas – São especializadas em órgãos de reserva. As reservas ainda podem ficar acumuladas na raiz principal (cenoura, beterraba, nabo) ou nas laterais (batata-doce, mandioca).

Raízes aéreas – Não se desenvolvem subterraneamente, são expostas ao ar, conhecidas também como raízes adventícias.

Estas podem ser classificadas como:

Raízes suporte – oferece equilíbrio a planta, devido esta mesma crescer em solo pantanoso ou por possuir um base muito pequena em relação a sua altura.

Raízes tabulares – é uma variante das raízes de suporte, são ligadas ao caule e são muito semelhantes a uma tábua, geralmente são encontradas em árvores grandes em florestas tropicais úmidas, como por exemplo, figueiras.

Raízes escora – Aparecem em certos tipos de figueiras, elas descem em ramos caulinares laterais, alcançando o solo, onde ramificam se para que absorvam água.

Raízes respiratórias – são os tipos que são presentes em muitas plantas subaquáticas: são esponjas porque tem parênquima com grandes espaços de ar, para ter a função de oxigênio para os órgãos submersos.

Pneumatóforos – Alguns consideram raiz respiratória, ocorrem geralmente em manguezais. Este tipo de raiz cresce verticalmente para que haja a troca gasosa com a atmosfera.

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afro brasileiros, tanto o valor simbólico das ervas no contexto geral das religiões de influência africana, como também o efeito que as mesmas causam àqueles que delas se utilizam individual ou coletivamente, salientando que tais efeitos podem enfatizar determinados aspectos comportamentais requeridos pelos rituais, como o transe.

Diferentes culturas humanas vêm absorvendo uma variedade de conhecimentos e costumes adquiridos de sua relação com o ambiente em que vivem. Dentre essas culturas estão as religiões afro brasileiras que cultuavam os deuses africanos, bem como o uso de plantas nos rituais, em busca de vibrações e irradiações energéticas, com fins terapêuticos e místicos e como oferendas às entidades espirituais.

Ao observar o efeito das plantas sobre seu organismo, desde que começou a ingerir para se nutrir, o homem pôde notar que certas espécies agiam de modo muito específico sobre o funcionamento do corpo, ora ativando alguma função, ora inibindo processos anômalos. A partir dessa constatação, o uso da flora medicinal expandiu-se e organizou-se nas mais distintas sociedades, muitas das quais contaram com especialistas – pajés, xamãs, feiticeiros e bruxos, que detinham, para uso comum, o conhecimento ancestral sobre o poder curativo de cada espécie.

“Toda planta que possui algum princípio ativo ou substância capaz de prevenir, aliviar ou curar uma doença é medicinal” (Enciclopédia Barsa. 1998, p.407).

A fitoterapia utiliza as plantas medicinais, através de chás, lambedores, garrafadas, ungüentos, purgantes, emplastros; remédios populares que são chamados de meizinhas na região Nordeste do Brasil. Algumas das meizinhas mais comuns são: folha de pimenta, em forma de emplastro, para picada de marimbondo; sumo de arruda, para convulsões entre outros. Já na medicina popular ou rústica, o povo utiliza drogas, substâncias, gestos ou palavras para obter mais saúde para as pessoas. Não é apenas uma coleção de plantas medicinais, usadas para prevenir e curar doenças.

Há também o seu lado mágico, suas ações e orações que o povo utiliza na cura dos seus males físicos e mentais. O uso de remédios feitos com flores, frutas, folhas, raízes e tubérculos de determinadas plantas é tão antigo quanto os primórdios da história da humanidade. No Brasil, a medicina popular é o resultado de uma série de aculturações de técnicas utilizadas pelo português, pelo indígena e pelo negro.

A contribuição do pajé ameríndio, do feiticeiro negro e do bruxo europeu foi de tão maneira misturada que hoje seria difícil distinguir o que é puramente indígena, negro ou branco. A medicina mágica está muito vinculada aos ritos afro-brasileiros e indígenas, especialmente os de macumba, candomblé ou umbanda e dos catimbós.

Ela procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobre natural no doente ou extirpar o mal que o faz sofrer. É de extrema importância que a Religião Afro Brasileira se valha dos conhecimentos práticos da Taxionomia Vegetal (ciência que estuda o reconhecimento, classificação e identificação de plantas), a fim de que melhor possam assimilar os seus adeptos sobre a existência de plantas fundamentais para a preservação integrada da Religião.

Quanto ao tema alvo deste projeto (a utilização das plantas medicinais nos terreiros de umbanda e candomblé) percebe-se que o uso de determinadas partes da planta - raiz, caule, folha, flor, fruto e semente, produz vibrações mentais e irradiações energéticas que fluem com intensidade e atuam em benefício daqueles que necessitam de algum tipo de ajuda. Para que isto aconteça, as ervas têm hora e dia para serem colhidas e aplicadas para o atendimento de uma situação espiritual ou/ e para atender a um caso de cura por doença material.

A entidade das folhas medicinais e litúrgicas dentro do candomblé e da umbanda é Ossãe (ossaim). A esta entidade deve dirigir-se todo aquele que quer iniciar-se em uma das religiões afro brasileiras.

Valor Espiritual (Texto de Solange Aparecida Banóski)

As ervas têm sido usadas para curar o corpo desde os tempos pré-históricos, e o estudo das ervas medicinais data de mais de cinco mil anos, na época dos antigos sumerianos.

A cura pelas ervas foi rito importante em várias religiões pré-cristãs. Referências que se repetem, aparecem até nos Antigo e Novo Testamentos da Bíblia, independente do fato de a igreja cristã primitiva ter preferido a cura pela fé à prática formal da medicina, a qual tentou proibir.

À medida que a química e outras ciências médicas rapidamente se desenvolveram, nos séculos 18 e 19, a medicina das ervas perdeu popularidade nos Estados Unidos e na Europa, cedendo lugar às drogas químicas ativas e à prática da quimioterapia. Os primeiros escritos sobres as ervas relatam sua importância nos cerimoniais de magia e medicina. Há placas de barro babilônicas de 3.000 anos a.C., que ilustravam tratamentos médicos, e outras mais recentes que registram importações de ervas. Durante os 1000 anos subseqüentes, culturas paralelas na China, Assíria, Egito e Índia, desenvolveram registros escritos de ervas medicinais onde existem antigos escritos ocidentais que descrevem uma mistura de utilizações medicinais e mágicas para as plantas, e há escritos egípcios, de 1550 anos a.C., com receitas médicas e anotações sobre a utilização aromática e cosmética das ervas.

O Conhecimento histórico do uso de plantas medicinais nos mostra ao longo da História da Humanidade que pela própria necessidade humana, as plantas foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados. A Índia, aproximadamente 5.000 aC, utilizava as ervas medicinais para o tratamento das doenças. Os livros sagrados da antiga Índia mostram receitas elaboradas com as ervas para o tratamento dos males humanos.

Foi considerada por alguns autores da antiguidade como o Eldorado dos Medicamentos Ativos, pela riqueza de sua flora medicinal Os antigos egípcios há 4.500 anos a.C., utilizavam grande variedade de aromas consagrados a certas divindades. A aromoterapia é um ramo da fitoterapia, já existe há tempo suficiente para considerar seu valor terapêutico e sua ação fisiológica benéfica. No ano 3.000 a.C., os países orientais praticavam o cultivo de plantas medicinais tendo como iniciante SHE UING. O valor das plantas medicinais e suas escolhas eram feitas através do cheiro.

No Papiro de Ebers, de 1550 a. C. descoberto em meados de século passado em Luxor, no Egito, foram mencionadas cerca de 700 drogas diferentes, incluindo extratos de plantas, metais (chumbo e cobre) e veneno de animais, a história da terapêutica começa provavelmente por Mitridates, rei de Ponto, Século II a. C. sendo ele o primeiro farmacologista experimental.

Nessa época, já eram conhecidos os Opiáceos, a Cila e inúmeras plantas tóxicas. Entre as mais antigas civilizações, a medicina, através das plantas medicinais, já era praticada e transmitida desde os tempos mais remotos: nas antigüidades egípcia, grega e romana, quando acumularam-se conhecimentos empíricos e foram transmitidos posteriormente, através dos Árabes à seus descendentes europeus.

A arte de embalsamar cadáveres foi desenvolvida pelos antigos egípcios utilizando extratos de plantas evitando que estes entrassem em estado de putrefação. Foram necessários vários experimentos com muitas plantas para dar conhecimento ao mundo e deixar tal arte como herança.

Na Idade Média acreditava-se que determinados aromas espantavam os espíritos das doenças que acometiam o corpo. Assírios e Hebreus também se dedicaram ao cultivo de várias plantas consideradas úteis.

No Brasil, desde a época do descobrimento, os colonizadores observavam e anotavam o uso freqüente de ervas pelos Índios.

É essencial não esquecer que o grande mestre de Piso, foi o Índio brasileiro, e ele honestamente em mais de

uma passagem reconheceu a superioridade da terapêutica indígena sobre a européia. Note-se o testemunho de Piso em Pernambuco: Os Índios precedem de laboratórios, ademais, sempre tem à mão sucos verdes e frescos de ervas. Enjeitam os remédios compostos de vários ingredientes, preferem os mais simples, em qualquer caso de cura, visto que por estes medicamentos os corpos não ficam tão irritados.

Houve tempo em que todas as plantas se mostravam para humanidade que as considerava filhas da mãe-terra; cada uma delas era marcada pela divindade e digna de todo respeito, mas, com a industrialização e o alvorecer da ciência e tecnologia diminuiu o nosso envolvimento com a natureza, limitando o conceito do termo erva. No século I, o gastrônomo romano Apécio descreve no seu livro de culinária, fascinantes e ousadas combinações de aromas de ervas.

HISTÓRIA DAS ERVAS

Muito antes de surgir a escrita o homem já usava ervas para fins alimentares e medicinais. Na procura das ervas mais apropriadas para a alimentação ou para a cura de seus males sentiu as alegrias do sucesso e as tristezas do fracasso. Em suas experiências com elas descobriu as qualidades de cada uma: alimento, medicamento, veneno, alucinógeno e outras. Até hoje xamãs usam determinadas plantas para provocar alucinações ou para curar o paciente.

ORIENTE MÉDIO

Os documentos médicos mais antigos que se referem às propriedades medicinais das plantas é um tratado médico datado de 3.700 AC, da China, escrito por Shen Wung um imperador sábio que fazia experiências com as plantas. Nele era dito que para cada enfermidade havia uma planta que seria um remédio natural. Conforme a lenda, ele podia observar os efeitos de seus preparados no organismo por ter o abdômen transparente.

EGITO

Na faixa do tempo, seguem-se os egípcios, que deixaram papiros preciosos. Um dos mais famosos é de 1.500 AC, tendo sido descoberto por George Ebers, conhecido egiptólogo alemão. Nele podemos ver que os egípcios utilizavam ervas aromáticas na medicina, cosmética, culinária e, sobretudo, em sua técnica, nunca superada, de embalsamento. Eram de uso comum plantar as ainda hoje conhecidas e usadas: tomilho, anis, coentro, cominho, papoula, alho, cebola e outros.

MESOPOTÂMIA

Na Mesopotâmia os sumerianos, considerados os primeiros agricultores da humanidade, possuíam receitas tão preciosas, que somente os sábios sacerdotes e feiticeiros as conheciam. Guardavam-nas na memória e somente as transmitiam aos seus substitutos na velhice. Nos escritos sumerianos há referências à erva-doce, beldroega e alcaçuz.

BABILÔNIA

Relatos de historiadores da Antigüidade, ao descreverem os Jardins Suspensos da Babilônia, construídos por Nabucodonosor, fazem referência ao fato de que, entre flores e árvores, eram plantados o alecrim e o açafrão.

MEDICINA VEDANTA

O principal objetivo da medicina vedanta era prolongar a vida e a principal fonte de conhecimento para tal eram as ervas, filhas diletas dos deuses. Elas só poderiam ser colhidas por pessoas puras e piedosas, devendo crescer longe da vista humana e do pecado. Eram usadas basicamente de duas formas: como elemento para limpar o corpo, estimulando suas secreções e como sedativo.

GRÉCIA

Hipócrates, o Pai da Medicina, nascido na Grécia por volta de 460 aC, possuía princípios éticos que até hoje servem de juramento para os novos médicos. Ele considerava, como na homeopatia moderna, que se deveria tratar a doença, não o doente. A dieta, os hábitos higiênicos do corpo e da mente eram sempre baseados em ervas e em princípios filosóficos. Seus conhecimentos e ensinamentos atravessaram os tempos e são seguidos até

hoje em alguns tratamentos medicinais.

Foi em sua época que surgiu a Doutrina das Assinaturas, já pesquisada pelos chineses. Ela pregava que havia uma ligação entre a forma e a cor das flores com a doença a ser tratada.

Assim, as flores amarelas da calêndula e do dente de leão seriam usadas para curar a hepatite; os frutos e as flores vermelhos, para os males da circulação, e as raízes retorcidas e cheias de nós das figueiras seria remédio ideal para as varizes. Essas idéias apareceram várias vezes na história da medicina e acabaram sendo fator decisivo para o descrédito da fitoterapia.

ROMA

Com o apogeu do Império Romano, o saber deslocou-se para Roma e é lá que se vai encontrar os dois maiores herbários da era cristã: Dioscórides e Galeno. O primeiro foi médico de Nero e com ele e seus soldados viajou por todo o mundo mediterrâneo, colecionando centenas de tipos de plantas. Mais tarde, em 78 d.C., escreveu um livro um catálogo de medicina herbolária, intitulada “De Maneira Médica”.

Essa obra serviu de base a maior parte dos conhecimentos médicos do Oriente, depois entrou no Ocidente pelas mãos dos sarracenos e espalhou-se pela Europa, tornando-se a principal fonte de informação médica por centenas de anos. A cópia mais antiga que existe da obra de Dioscórides é um manuscrito bizantino do Séc. VI denominado “Códice Vindobonensis” considerado o documento médico de maior importância até o surgimento da obra de Leonardo Fuchs, em 1542, intitulada “História Stirpium”.

Galeno era grego e viveu entre os anos 130 e 200 de nossa era. Galeno foi médico do Imperador Marco Aurélio, Cômodo e dois outros. Escreveu mais de duzentas obras, sendo que cerca de cem são hoje reconhecidas como de sua autoria. O fisiologista Galeno, descobriu que a urina é secretada pelos rins, no entanto, um de seus maiores feitos foi à descoberta de um método de separar os princípios ativos de uma planta denominado galênico, que é usado até hoje.

Com o declínio do Império Romano e a desestruturação de sua sociedade pelas invasões bárbaras, a importância da medicina retornou ao Oriente, que teve em Avicena (980 - 1037) seu médico maior. Muito inteligente e estudioso, aprendia facilmente e sem cessar medicina, filosofia, geometria, astronomia e outras disciplinas com que se deparasse. Aos dezessete anos já era um mestre na arte de curar, tendo já sua fama se espalhado pelo mundo árabe. Usava lavanda, camomila e menta em seus preparos e ficou conhecido por mais de seis

séculos como o príncipe dos médicos. As primeiras farmácias, instaladas em Bagdá, datam desta época.

IDADE MÉDIA

Na Idade Média os mosteiros tornaram-se centros importantes de estudo. Os livros e manuscritos existentes foram todos recolhidos pelos monges, que se apoderaram do saber antigo. Ao redor das igrejas, mosteiros e conventos foram cultivadas ervas utilizadas como alimentos, bebidas e medicamentos. Muitos destes herbários ainda existem e são conservados até hoje na Europa, principalmente na Inglaterra.

EUROPA

Com a invenção da imprensa, em 1450, e as descobertas marítimas, inicia-se um novo ciclo, que posteriormente irá mudar a face do planeta. Nos primeiros anos do Séc. XVI, que surge na cena médica Européia um suíço chamado Philliphus Aurelius Theophrastros, mais tarde conhecido somente como Paracelso.

Ele viajou por toda a Europa à procura de plantas e minerais, mas principalmente ouvindo feiticeiros, curandeiros e parteiras. Para grande escândalo das pessoas cultas, não escrevia suas observações em latim, a língua culta da época, mas em linguagem comum e ainda tinha a

audácia de comparar importantes estudos médicos com a sabedoria popular.

Sendo hoje reconhecido como um grande alquimista, seu maior feito foi mudar o curso da medicina ocidental com suas descobertas e estudos, que serviram de base para os pesquisadores dos séculos seguintes. No reinado de Elizabeth I da Inglaterra (1558-1603) certas ervas especialmente as especiarias, tinham um valor e importância tão grande quanto o ouro ou a prata. As ervas

eram ambicionadas por piratas que infestavam todos os oceanos. A Inglaterra, repleta de reis e rainhas, príncipes e piratas, era também o país das bruxas, fadas e duendes, seres sobrenaturais aos quais pertencia o saber das ervas. Mesmo assim, rara era a dona de casa que não possuía um armário com plantas medicinais para as doenças do dia-a-dia. Neste mesmo século o herborário mais conhecido era Gerard e edições de seu famoso livro “The Herbal”, publicado pela primeira vez em 1597, ainda pode ser encontrado em livrarias inglesas, sendo uma de suas ervas preferidas o alecrim.

No Séc. XVI, Culpeper tentou reviver todo o poder das ervas, mas como acreditava demais em astrologia, bruxaria e adivinhações, ficou desacreditado perante os médicos mais ortodoxos, que o difamaram. Ele defendia a importância dos signos do zodíaco e nas cores das pedras preciosas para curar doenças. Atualmente seus estudos são aceitos por pesquisadores e seus livros muito usados como fonte de consulta.

Na Inglaterra o uso da medicina alternativa cresce dia a dia e o fascínio da aromaterapia, das flores de Bach e muitas outras técnicas, antigas ou modernas, são experimentadas com sucesso e têm cada vez mais adeptos.

A importância das ervas pode ser medida pelo empenho da Europa em achar um caminho para as Índias, com a finalidade quase que exclusiva de adquirir as chamadas especiarias, temperos só lá obtidos e com alto preço nos países europeus. A babosa, o cravo, a canela, a carambola, o gergelim, e outras, são vegetais originários da Índia.

AMÉRICA

Os primeiros registros sobre as ervas americanas foram feitos por um médico mexicano chamado Juan Badianus. Sua origem índia e seus conhecimentos da cultura indígena tornaram seus escritos muito procurados por estudiosos. Outro importante herborário americano foi o espanhol Manardes, que escreveu sobre as ervas do Novo Mundo. Os primeiros imigrantes trouxeram para as Américas mudas e sementes de suas ervas preferidas, como o confrei, a aquiléia e a camomila, que logo floresceram juntas às ervas nativas. Nos Estados Unidos o interesse pelas ervas teve grande crescimento entre na época compreendida entre a Revolução Americana e a República.

Thomas Jefferson plantava pessoalmente suas ervas prediletas, entre elas a menta, o tomilho, a lavanda, o alecrim e, sobretudo o masturtium, conhecida entre nós por chagas de cristo, por sua violenta coloração vermelha. Atualmente, as farmácias naturais se multiplicam e há um verdadeiro culto à natureza. Mais de 25% de todos os medicamentos são de origem vegetal e o estudo das ervas

e seu poder de cura estão cada vez mais importantes.

Os Shackers, grupo religioso norte americano, baseava sua vida na simplicidade, na pesquisa e utilização das ervas medicinais. As ervas tiveram seu apogeu nos Estados Unidos e, com os Shackers, sua importância econômica durou mais de cem anos.

BRASIL

Historicamente, quando os portugueses aqui chegaram, encontraram índios que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos. Mesmo o grande naturalista Von Martius desprezava a medicina indígena. Para ele, os índios conheciam apenas algumas quantas plantas comestíveis e outras que serviam de tinturas. Das ervas medicinais teriam unicamente uma obscura noção, quase sempre supersticiosa.

Os primeiros a terem utilizado a medicina das ervas, para ele, teriam sido os bandeirantes, usando os conhecimentos adquiridos nas índias Orientais e, mais tarde, os escravos que se adentravam na floresta à procura de substitutivos para a sua culinária e medicina tradicional.

Hoje sabemos que o naturalista estava totalmente equivocado, pois, os índios conheciam todas as ervas necessárias para a cura de suas doenças. Os europeus que chegaram ao Brasil adquiriram o conhecimento das ervas medicinais com os indígenas. Muitos escritos sobre as ervas indígenas, relatados pelos jesuítas, estão perdidos em arquivos e bibliotecas, sendo consultados como curiosidades, do que como fontes de consultas para trabalhos científicos.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Ainda no final do séc. XVIII Lineu, o grande naturalista sueco, criou seu famoso sistema nomenclatura botânica, dividindo as plantas em vinte e quatro classes e diversas subclasses, o que permitiu com que os pesquisadores fizessem um estudo mais metódico, complexo e abrangente das plantas. No final do séc. XIX, com o advento da Revolução Industrial, o poder curativo das ervas passou a ser ridicularizado, a ser considerado ultrapassado.

Hoje, no entanto, no rastro do naturalismo, o mundo inteiro está tentando redescobrir os valores curativos e alimentares das plantas. Entre os mais famosos herborários modernos, encontramos Maurice Messegú, francês de Gers, no sul da França. Ele aprendeu a arte de curar pelas ervas com seu pai que, por sua vez, aprendera com seu avô. Essa cultura repassada de geração a geração fez com que ele já fosse um especialista no assunto aos vinte anos de idade e, hoje, com setenta anos, é considerado um monumento vivo do herborarismo francês.

Recorrer às virtudes curativas de alguns vegetais é uma das primeiras manifestações do homem, marcando um antigo desejo de compreender e utilizar a natureza como recurso terapêutico, nas doenças que afligem o corpo e a alma.

Se voltasse ao passado, perceber-se-ia que a prática de utilização das plantas como meios de cura das doenças não mudaram, mas por falta de informações algumas pessoas não sabem, nos dias de hoje, usar essas plantas para o seu consumo, desconhecendo os seus benefícios e toxicidade. Grande número de seguidores, principalmente da camada mais carente da sociedade é que utilizam algumas destas plantas, principalmente pelo baixo custo que elas oferecem. As ervas são naturais. Muitas podem ajudar a prevenir e a curar doenças.

Muitas doenças, a cura da mãe natureza pode ser muito melhor do que as pílulas sintéticas de sabor desagradável produzidas pelo homem que proporcionam alívio temporário dos sintomas, mas não erradicam a causa da doença. Muitas doenças atuais precisam dos métodos atuais de tratamento. No caso de condições emocionais ou físicas crônicas ou sérias, recomenda-se algum tratamento médico profissional a ser imediatamente procurado utilizando a farmacologia moderna.

Com o passar dos anos, juntamente com a evolução da humanidade, ocorreu grandes mudanças e novas descobertas em relação ao uso das ervas medicinais como fonte de cura e tratamento para doenças. Hoje o homem ainda não sabe tudo sobre o efeito de algumas ervas, porém, o que se sabe, graças aos alquimistas, já é suficiente para produção e uso de medicamentos à base das ervas que vêm trazendo grandes benefícios para a humanidade. É uma pena que o brasileiro e seus governos estão acordando somente agora para a riqueza que os rodeia.

Quem sabe, está chegando a um novo ciclo, onde a atenção dada às pequenas ervas, raízes, cascas e sementes passe a ter maior importância na alimentação e farmacopéia brasileira. Pois esta importância e atenção num país como o Brasil, onde ainda se morre de fome e desnutrição, torna-se um motivo estratégico, de libertação dos medicamentos importados a alto custo, muitas vezes com princípios ativos originários de plantas de nossas matas. Parece que os governos não têm a visão para um fato que a indústria farmacêutica internacional possui: a de que por trás de cada medicamento quimicamente sintetizado há um antepassado vegetal.

(Fim do Texto de Solange Aparecida Banóski)

Ervas na Espiritualidade

Todos nós temos ao redor do nosso corpo físico um campo eletromagnético, composto por corpos sutis, que se denomina aura. As auras das pessoas e dos lugares funcionam como antenas que recebem e enviam mensagens entre si, que são decodificadas através da nossa intuição.

Quando passamos por situações estranhas, energias desequilibradas se agregam à nossa aura e permanecem lá por muito tempo provocando doenças.

Quando tomamos um Banho de Ervas limpamos a nossa aura fazendo com que ela volte a funcionar normalmente e harmonizando os nossos chackras que são túneis por onde entram as energias no nosso corpo físico.

Cada planta tem características próprias que interagem com as nossas energias provocando as mudanças necessárias. As ervas podem limpar, energizar, melhorar nossa auto-estima, tirar nosso cansaço, etc…

Para fazer o banho, devemos olhar a relação de ervas e propriedades que segue abaixo e escolher aquelas que pode se adequar à nossa situação. Depois, pegue um punhado de cada erva e faça um chá com elas. Coe numa jarra e após tomar um banho normal, jogue o chá do ombro pra baixo. As ervas podem ser misturadas e o resultado será melhor se usado número ímpar de ervas.

Algumas purificações são feitas com bastões de ervas, nas próprias brasas da fogueira cerimonial e em turíbulos, com resinas, pó de sândalo, tabaco e Pau-Santo. O Tabaco, além da purificação, é usado para dar agradecimentos. É oferecido às pessoas idosas na troca para o conselho e a informação. É oferecido também aos espíritos e guardiões.

Muitas outras ervas são usadas ao redor do mundo para esse fim. O simbolismo da cerimônia com fumaça é a purificação do espaço e dos participantes, banindo todas as energias não desejadas.

Uma boa pratica de purificação também envolve os instrumentos cerimoniais. Enquanto as ervas vão se iluminando o aroma perfumado alcança suas narinas. As nuvens de fumaça levantam com a pena.

O Corpo fica coberto com a fumaça perfumada, respira-se profundamente, inalando os efeitos. Enquanto a fumaça abaixa em torno de seu corpo, afeta sua pele e sentidos. Você percebe ficar relaxado, limpo, abençoado mesmo. Sua vida interna é tocada; suas emoções e memórias agitam.

Os pensamentos acalmam, inicia-se um relacionamento diferente com seus arredores e cria-se o ambiente propício para o trabalho espiritual. Ninguém sabe quando a humanidade começou a usar as plantas aromáticas.

Estamos razoavelmente seguros de que os sentidos do homem antigo eram bem mais aguçados, e o sentido do olfato foi crucial para sua sobrevivência. Há evidência do período Neolítico de que ervas aromáticas eram usadas em culinária e medicina, e que ervas e flores eram enterradas com os mortos.

A fumaça ou fumigação foram provavelmente um dos usos mais antigos das plantas, como parte de oferendas rituais aos deuses. Era provavelmente notado que a fumaça de várias plantas aromáticas tinha, entre outros, efeitos alucinógenos, estimulantes e calmantes. Gradualmente, um conjunto de conhecimentos sobre as plantas foi acumulado e passado a centenas de gerações de xamãs.

Os seres humanos tem uma ligação muito forte com as plantas. As plantas aromáticas têm sido honradas de um modo especial desde os tempos antigos. Eram utilizadas em rituais religiosos e mágicos, assim como nas artes curativas. Estas três práticas eram fundamentais para a existência humana (ainda hoje continuam sendo).

As grandes civilizações desaparecidas do Oriente Médio e do Mediterrâneo glorificavam os aromas, que faziam parte de suas vidas. Creio que conhecer um pouco da história dos aromas e da defumação mágica, é uma introdução adequada para sua prática.

Há 4000 anos, existia uma rota de comércio onde se cruzavam as culturas mais antigas do Mediterrâneo e da África. Através dela, acontecia o comércio e troca de diferentes mercadorias como por exemplo: ouro, olíbano, temperos e especiarias em geral; conseqüentemente, trocavam conhecimentos de suas diferentes culturas. E foi bem no meio desta rota que nasceu a maior civilização desta época: "O Egito".

A antiga civilização do Egito era devotada em direcionar os sentidos em direção ao Divino. O uso das fragrâncias era muito restrito. Inicialmente, sacerdotes e sacerdotisas eram as únicas pessoas que tinham acesso a estas preciosas substâncias.

As fragrâncias dos óleos eram usadas em perfumes, na medicina e para uso estético, e ainda, para a consagração nos rituais. Eram queimados como incenso. Sobre as paredes das tumbas dos templos antigos perdidos no deserto, há um símbolo que aparece com freqüência que parece uma fumaça que sai dele mesmo.

Isto confirma que no Egito se utilizava o incenso desde tempos antigos. Quando o Egito se fez um país forte, seus governantes importaram de terras distantes incenso, sândalo, mirra e canela. Esses tesouros aromáticos eram exigidos como tributo aos povos conquistados e se trocavam inclusive por ouro.

Os faraós se orgulhavam em oferecer às deusas e aos deuses enormes quantidades de madeiras aromáticas e perfumes de plantas, queimando milhares de caixas desses materiais preciosos. Muitos chegaram a gravar em pedras semelhantes façanhas.

Os materiais das plantas aromáticas eram entregues como tributos ao estado, e doados a templos especiais, onde se conservavam sobre altares como oferendas aos deuses e deusas. Todas as manhãs as estátuas eram untadas pelos sacerdotes com óleos aromáticos. Queimava-se muito incenso nas cerimônias do templo, durante a coroação dos faraós e rituais religiosos. Queimava-se em enterros para extrair do corpo mumificado os espíritos negativos.

Sem dúvida o incenso egípcio mais famoso foi o Kyphi. O Kyphi se queimava durante as cerimônias religiosas para dormir, aliviar ansiedade e iluminar os sonhos.

Os Sumérios e os Babilônios

É difícil separar as práticas destas culturas distintas já que os Sumérios tiveram uma grande influência dos babilônios, e transcreveram muita da literatura dos seus antepassados para o idioma sumério. Sem engano sabemos que ambos os povos usavam o incenso.

Os Sumérios ofereciam bagas de junípero como incenso à deusa Inanna. Mais tarde os babilônios continuaram um ritual queimando esse suave aroma nos altares de Ishtar.

Tudo indica que o junípero foi o incenso mais utilizado, eram usadas outras plantas também. Madeira de cedro, pinho, cipreste, mirto, cálamo e outras, eram oferecidas às divindades. O incenso de mirra, que não se conhecia na época dos Sumérios foi utilizado posteriormente pelos babilônios.

Heródoto assegura que na Babilônia queimaram uma tonelada de incenso. Daquela época nos tem chegado numerosos rituais mágicos. O Baru era um sacerdote babilônio esperto na arte da adivinhação.

Acendia-se incenso de madeira de cedro e acreditava-se que a direção que a fumaça levantava determinaria o futuro, se a fumaça movia-se para a direita o êxito era a resposta, se movia-se para a esquerda a resposta era o fracasso.

Os gregos e romanos

Estes povos acreditavam que as plantas aromáticas procediam dos deuses e deusas. O povo chegou a consumir tantos materiais aromáticos para perfumar-se que no ano de 565 foi decretada uma lei que proibia utilizar essenciais aromáticas pelas pessoas com temor de não ter suficiente incenso para queimar nos altares das divindades.

Nativos Americanos

Os nativos americanos vivem em harmonia com a terra, reverenciam-na como geradora de vida. Os nativos americanos desde muito tempo tem conhecido o valor e poder de cura das plantas de poder, usadas em tendas de suor, dança do tambor etc.

Queima se sálvia, cedro e resinas para limpeza de objetos de poder. É usada para a saúde e o bem estar de sua tribo.

Incenso do Templo

Desde épocas mais antigas, as substâncias aromáticas naturais de plantas tem um papel vital na vida diária dos povos. Estas ligações vitais entre povos e plantas perderam-se, e muitos de nós perdemos o toque com a terra e com nosso próprio estado de saúde.

De acordo com o Zohar, oferecer incenso é a parte a mais preciosa do serviço do templo para os olhos do grande deus. Ter a honra de conduzir este serviço, é permitido somente uma única vez na vida. Diz-se que quem teve o privilégio de oferecer o incenso está recompensado pela sorte com riqueza e prosperidade para sempre, neste mundo e no seguinte.

A defumação é essencial para qualquer trabalho num templo, bem como nos ambientes domésticos. Este ritual é praticado com o objetivo de purificar o ambiente, bem como o corpo do médium e da assistência, retirando as energias negativas e preparando o local para que possa ocorrer em harmonia.

Ao trabalhar com as essências das ervas, banhos ou defumação, estamos entrando em um universo vegetal que vai além da matéria. Assim como não somos apenas carne e as divindades não são apenas arquétipos, as plantas também possuem um “espírito vegetal” que as anima e têm seus respectivos gênios e divindades guardiãs responsáveis pela força vegetal. Portanto, ao trabalhar com ervas, entre em contato com estes espíritos, gênios e guardiões vegetais pedindo sua licença e sua força para realizarmos nossa tarefa.